

EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS: fonte da “amizade social”

Introdução

“A amizade com os pobres nos faz amigos do Rei Eterno” (S. Inácio Ep I, 572-577)

Inspirada pela Carta Encíclica do Papa Francisco – Fratelli Tutti, Todos irmãos – a Campanha da Fraternidade/2024, promovida pela CNBB, propõe como tema: **“Fraternidade e amizade social”** e o lema: **“Vós sois todos irmãos e irmãs”** (Mt 23,8). Segundo o texto-base, a CF propõe **“despertar a beleza da fraternidade aberta a todos, para além dos nossos gostos, afetos e preferências, em um caminho de verdadeira penitência e conversão”**.

A proposta deste encontro é apresentar os **Exercícios Espirituais** como inspiração e fundamento de uma atitude fraterna, rompendo toda resistência e preconceito para poder viver relações mais sadias com os outros, sobretudo o outro que é excluído ou que pensa, sente e vive de maneira diferente.

Começamos este artigo citando uma experiência vivida por S. Inácio de Loyola, onde ele escuta o chamado do sofrimento alheio. Depois de Manresa, considerado como lugar e momento decisivo de sua experiência de Deus, S. Inácio toma o caminho para Jerusalém e embarca em Barcelona, em direção à Itália. Acontece, então, um fato que o próprio Inácio nos conta no número **38** da Autobiografia:

“Dos que vinham no navio, ajuntaram-se em sua companhia uma mãe, sua filha vestida com roupas de rapaz, e um outro moço. Estes o seguiam, porque também mendigavam.

Chegados a um casario, encontraram um grande fogo e muitos soldados junto dele. Estes lhes deram de comer e muito vinho, parecendo terem intenção de embebedá-los. Depois os separaram, colocando a mãe e a filha num quarto em cima, e o peregrino com o moço no estábulo. Mas, quando chegou a meia-noite, ouviu que lá em cima se erguiam grandes gritos. Levantando-se para ver o que era, encontrou a mãe e a filha embaixo no pátio, muito chorosas, lamentando-se de as quererem forçar.

Veio-lhe com isto um ímpeto tão grande, que se pôs a gritar, dizendo: ‘Isto se há de sofrer?’ e semelhantes queixas. Dizia-as com tanta eficácia, que todos os da casa ficaram espantados, sem que ninguém lhe fizesse mal algum. O moço fugira e todos os três começaram a caminhar assim de noite”.

Este fato da vida de S. Inácio tem um profundo significado. Ele escuta os gritos de sofrimento de duas indefesas mulheres; levanta-se de imediato, sem considerar outras circunstâncias (nem seu cansaço, nem sua inferioridade...) e atua sem temor, com ímpeto e, como ele mesmo diz, com eficácia.

S. Inácio acabara de fazer sua grande experiência **“mística”** em Manresa; por sua forma de reagir e atuar em favor das duas mulheres indefesas descobrimos que esta experiência o tornou especialmente **sensível e ativo** diante dos sofrimentos dos outros; isto o leva a intervir decididamente em favor dos mais fracos, sem pensar muito nas consequências. A amizade com os mais pobres e excluídos vai ser a **“marca evangélica”** da espiritualidade inaciana; esta amizade será ativada pela experiência dos Exercícios Espirituais (EE).

De fato, a vivência dos EE nos revela algo que é de uma importância decisiva: é na **experiência** autêntica de Deus que encontramos o impulso mais forte, mais decisivo, mais libertador para responder, sem ambiguidades, ao chamado dos **excluídos** e viver uma fraternidade universal, comprometida-solidária.

É precisamente a força da **experiência de Deus** aquela que nos dá a capacidade de vencer todas as resis-tências internas e externas que nos aconselhariam fazer **“ouvidos surdos”** aos gritos daqueles que sofrem.

Ante o clamor que vem da margem, como não sentir compaixão e solidariedade para com os **“perdedores”** da história?

A necessidade de **olhar** o excluído e de **sentir** sua exclusão como uma interpelação e um chamado, não é moda nem sectarismo, mas o núcleo mesmo da experiência espiritual, tal como aparece nos **Exercícios Espirituais** e tal como S. Inácio a viveu. Portanto, nos Exercícios Espirituais se encontra um inerente potencial, fonte de inspiração para a vivência da **fraternidade universal**.

Sempre que construirmos relações pessoais e sociais que facilitem a circulação da vida, a comunhão de diferentes, estaremos tornando um pouco mais visível o mistério íntimo de Deus.

Deus quer inserir-nos nesta sua comunhão, como no-lo disse Jesus: **“Que todos sejam um como Tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, para. que eles estejam em nós, e o mundo creia que Tu me enviaste”**

(Jo. 17,21).

Deus nos fez **amor** para o mútuo encontro, para a doação, para a comunhão... A glória de Deus é a comunhão de todos os seus filhos e filhas. Se nós não somos comunhão de pessoas, não somos imagem de Deus que é *“encontro intra-trinitário”*.

Fomos criados *“à imagem e semelhança”* do **Deus Trindade**, comunhão de Pessoas (Pai-Filho-Espírito Santo). Quanto mais unidos somos, por causa do **amor** que circula entre nós, mais nos parecemos com o Deus Trindade. *“Se nos **amarmos** uns aos outros, Deus permanece em nós e o seu **Amor** em nós é perfeito”* (1Jo. 4,12)

Aqui a luz da revelação trinitária vem iluminar e confirmar a intuição de que o ser humano pode ter de si mesmo: ele só é autenticamente humano na relação. Porque Deus **é relação**.

Deus colocou em nossos corações impulsos naturais que nos levam em direção ao **convívio**, à **cooperação**, à **acolhida**, à **amizade social**, à **solidariedade**. *“Só corações solidários adoram um Deus Trinitário”*.

Esta é a vocação fundamental de cada um de nós: recriar a vida mútua em cada encontro. Todos trazemos dentro de nós possibilidades e recursos originais que só são ativados quando alguém se encontra conosco e nos chama à vida numa verdadeira relação fraterna. Não somos autossuficientes. Somos relação, e nos humanizamos na relação.

A experiência dos EE nos introduz numa experiência fundamentalmente relacional. Eles se apresentam como uma pedagogia ou mistagogia da **relação**, ao mesmo tempo que propõem um **método** (*meta-odós*, *“através de um caminho”*) que proporciona um clima favorável para ativar uma presença fraterna.

Na relação fraterna se revela uma **verdade** que não aparece naquele que vive uma atitude egóica.

“Todo bom cristão deve estar mais pronto a salvar a proposição do próximo que a condená-la”, diz S. Inácio, ou seja, aquele que prolonga o modo de ser e de agir de Jesus Cristo é o que se abre à alteridade, porque Cristo é a alteridade de Deus em todos nós, Aquele que se fez um de nós para nos introduzir no fluxo da relação divina.

O **“Pressuposto inaciano”** (EE 22) se revela como princípio de alteridade e fundamento da fraternidade.

O **Pressuposto** enuncia um princípio básico para todo tipo de encontro ou de vivência fraternal: que no outro há **verdade** e que esta verdade do outro deve ser reconhecida e acolhida.

Assim, viver o percurso dos EE nos converte em seres abertos, acolhedores da diferença, amigos(as) de todos. O próximo é o **outro**, o estranho, o excluído, o diferente... em cuja presença nos sentimos bem. Sua proximidade está fundamentada na percepção de sua semelhança conosco, e esse reconhecimento quebra toda manifestação de suspeita, intolerância, preconceito...; afinal, todos somos humanos, seres em caminho, buscadores de sentido, buscadores da verdade e habitados pelo mesmo Deus, Pai-Mãe de todos.

Considerado sob o enfoque do **ouvir** sem preconceitos, do **conhecer** a diferença e do **amar** a verdade presente no outro, o **“pressuposto inaciano”** alimenta a amizade fundado no **amor**.

Portanto, onde nossa identidade ganha seus contornos? Através da **fraternidade** e da **alteridade**, o outro que nos provoca a ser, a sair de nós mesmos. A alteridade e a fraternidade estão no centro da formação da identidade, porque esta não se acha totalmente dada, mas está para ser construída.

A **alteridade** é fator constitutivo da **identidade**. O outro (alter, heteros) não é o inimigo, o intruso, o *“alienus”* (que nos aliena). O outro não é agressor, mas possibilitador. O outro é exatamente aquele que, justo por sua alteridade, chama-nos, convoca-nos e assim nos faz sair do enclausuramento em nós mesmos.

Ninguém se constrói nem se compreende diante de si próprio, na solidão. Precisamos ser arrancados, chamados, interpelados, não somente para saber **que** somos (existência), mas **o que** somos (identidade); e para poder, com base nisso, construir verdadeira autonomia, que sempre é de diálogo e comunhão.

Não fomos criados para viver sós; necessitamos **con-viver**, **viver-com-os-outros**, **encontrar-nos**; é essencial descobrir o sentido e a vivência do **encontro relacional** com os outros, na vida familiar, na fraternidade, na sensibilidade social para com o diferente e o excluído.

Como homem e como mulher trazemos esta força interior que nos faz *“sair de nós mesmos”* e criar laços, construir fraternidade, fortalecer a comunhão.